

UMA ESCRITA EXPERIMENTAL SOBRE VIVÊNCIAS COMPARTILHADAS NO ESPAÇO ACADÊMICO

Cauê Assis de Moura ¹

INTRODUÇÃO

A carta a seguir é parte de um conjunto de experimentações textuais desenvolvidas ao longo da elaboração da dissertação “Cartas transfeministas: friccionando fronteiras” (2025). Embora não tenha sido incluída na versão final do trabalho, ela compõe o processo de pesquisa como um fragmento do percurso investigativo e afetivo que sustenta essa produção.

A dissertação propõe uma cartografia situada das produções transfeministas das transmasculinidades no contexto brasileiro, entendendo o ato de pesquisar como um gesto implicado, afetivo e criador de realidades. A escrita se constrói a partir de uma montagem poético-teórica, nomeada como *cartografia friccional*, que assume a fricção como orientação estética, metodológica e política. Essa fricção atravessa tanto os conteúdos quanto às formas da pesquisa, transformando o próprio percurso investigativo em um campo de experimentação.

Nesse contexto, a escrita de cartas aparece como uma forma de expressão que borra os limites entre o público e o privado, mobilizando o endereçamento como estratégia de produção de conhecimento encarnado, relacional e situado. Ao assumir a escrita como prática situada, a pesquisa opera nos cruzamentos entre viver, pensar, sentir e criar. Como dizem Bruna Batistelli e Erika Oliveira “o ato de escrever cartas aposta em uma escrita que amplia as possibilidades, que produz diálogo, que permite que a vida ganhe o terreno acadêmico” (Batistelli e Oliveira, 2021 p. 691).

Os temas que emergem dessa perspectiva são múltiplos, entre eles, a relação com o espaço acadêmico, a produção de subjetividade, os atravessamentos do racismo, da cisnormatividade e da transfobia [...] A carta a seguir, escrita a partir das experiências vividas nos encontros do Núcleo de Estudos em Diversidades e Política (EDIS), se inscreve nesse movimento. É um gesto de afirmação de que o conhecimento também se produz nas bordas, nas escutas mútuas, nas relações afetivas e nos espaços de comunidade que resistem à lógica produtivista e excludente da academia.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, caueassis15@gmail.com;

ESCREVO À VOCÊS DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM DIVERSIDADES E POLÍTICA (EDIS)

A primeira versão dessa carta foi feita à mão - papel pautado e caneta preta - meio que à moda antiga. Comecei hoje durante a nossa reunião de orientação, fui rabiscando um bocado de palavras, principalmente depois que citei aquele trecho “Lendo com o pé na boca”, do livro, da Gloria Anzaldúa:

Aprender a ler não é sinônimo de aprendizado acadêmico. Pessoas operárias e das ruas podem viver uma experiência — por exemplo, um incidente que se passa na rua e “ler”o que está acontecendo de forma que um/a acadêmica não poderia. Uma pessoa sempre escreve e lê do lugar onde seus pés estão plantados, do chão onde se ergue, seu posicionamento e ponto de vista particulares. Quando eu escrevo sobre ideias diferentes, eu tento encarná-las e corporificá-las ao invés de abstraí-las. (2021, p. 144)

Disse que tinha a impressão que estávamos meio que escrevendo e lendo nossas pesquisas, sentindo o gosto da carne e da terra dos nossos pés. Ando achando muito interessante a maneira como vem se construindo nossos encontros, levamos para discussão o que estamos escrevendo, lendo, vivendo, rememorando, compartilhamos estratégias metodológicas, dúvidas, receios, indicações. Muitas vezes, comentamos como o espaço acadêmico pode ser áspero, frio e reprodutor de inúmeras violências, não nos faltam histórias de como ele provoca adoecimentos. Em meio a tudo isso, continuamos insistindo e apostando em outras formas de habitá-lo.

Um dos primeiros textos que apresentei em um congresso, buscava problematizar os espaços ocupados por corpos trans e cis dentro das produções acadêmicas (Moura, 2019). Sabia que o que conseguia escrever naquele momento, era apenas um rascunho, mas estava cansado de ser colocado no lugar de objeto de pesquisa, de responder sobre quando foi o momento em que “me descobri trans?”. Precisa por para fora, tava aprendendo a virar o jogo, as leituras transfeministas me impulsionaram a começar indagar como resposta: “Quando você descobriu que era cis? Como bem coloca Viviane Vergueiro (2016) o conceito de cisgeneridade visa “problematizar as hierarquias de autenticidade e inteligibilidade entre corpos e identidades de gênero.” (p.47) . Quando comecei a cursar psicologia, em 2016, fazia menos de um ano, que havia passado a integrar estatisticamente a grande parcela da população trans que é expulsa de casa. Acabei retratando esse momento da vida em uma poesia, Entre ficar e existir:

Abriram a porta
e me disseram:

— SAI.

Teu copo não cabe,
aqui ele incomoda.

Os pelos que afloram
e a voz quase grossa
é tudo sobra. —

Chamaram de escolha.

Poderia raspar os versos e ficar.

Essa era a norma.

Trans[bordei] e fui embora.

Durante toda minha graduação fui o único aluno trans nas aulas e me mantive permanentemente no fluxo individual, cursei as matérias de acordo com a maneira que ia conseguindo equilibrar a relação entre tempo para os estudos e dinheiro para sobrevivência. Nos dois anos iniciais, mesmo querendo muito, não conseguia participar das atividades de extensão, PIBIC, grupo de estudos [...]. Pude, com esforço, começar a frequentar a universidade com um pouco mais de tempo, o que me proporcionou vivenciar processos coletivos que se estendem para além das aulas obrigatórias.

Uma vez disse a uma amiga, que esteve comigo em algumas disciplinas, que se eu não tivesse aprendido a construir estratégias e a fazer alianças, teria desistido. Ou possivelmente, terminaria com o mesmo fim narrado por Gloria Anzaldúa (2021), ao se referir a “nova mestiza”, que ao tentar “romper os muros da academia com a própria cabeça, para abrir espaço para ela mesma e para outras pessoas com quem se parece; termina caída ao chão com a cabeça ensanguentada.” (p. 191)

No livro “Ensinando comunidade”, bell hooks (2021) adverte que um dos grandes riscos nos sistemas educacionais é a perda do sentimento de comunidade, tanto nas relações internas quanto na conexão com o mundo exterior à academia. Como apontam Luiz Simas e Luiz Rufino: “conectar é verbo transitivo direto que, de forma bem mais ampla, representa a agregação de diversos elementos em busca de objetivos comuns.” (Simas; Rufino, 2020, p. 4). Nesse sentido, não sei se vocês vão concordar, mas, penso que nossas pesquisas têm em comum o fato de que a temática que escolhemos trabalhar não se desprende do cotidiano de nossas vidas. Elas comunicam estratégias diante das opressões estruturais e apontam para possibilidade na construção de alianças.

Cada vez que enviei uma nova versão do texto da minha dissertação para ser discutido em nossas reuniões do EDIS, senti que apontamentos, possibilidades de caminhos, foram sendo construídos de maneira coletiva e plural. Anzaldúa (2021) nos alerta sobre a importância de, ao ler e escrever, tomar os cuidados em:

[...] descobrir, literalmente, onde está com os pés fincados, que posicionamento está tomando: Você está falando de uma perspectiva branca, masculina, de classe média? Você está falando de um lugar desde a classe operária, de cor, étnico? De onde você está falando? Para quem você está falando? Qual é o contexto, onde você localiza sua experiência? No Bronx, sul da Califórnia? Por que você está fazendo essa pesquisa? Quais são suas motivações? Onde estão as apostas, o que está em jogo - para usar uma expressão teórica popular. (p. 163)

Essas são perguntas que me permeiam, durante nossos encontros, busco pensar o que elas implicam em nossas práticas e como produzem relações entre as temáticas e questões problemas de nossas pesquisas. Quando debatemos textos, entre concordâncias e divergências, repenso a escrita, me lanço em novas questões, mudo posições, entro em contato com as palavras por outros ângulos e não as desprendo das práticas cotidianas. Tem sempre algo que fica. Isso também acontece com vocês?

Foram em processos de coletividade que entendi uma questão fundamental: a cisheteronormatividade, assim como a branquitude são frutos do poder colonial. bell hooks (2021) sopra em meus ouvidos: “Devemos nos tornar tão articulados ao nomear nossas alegrias quanto somos ao nomear nosso sofrimento.” (p. 191). Foi por isso que resolvi escrever essa carta, para dizer que: mesmo com nossos pés cruzando fronteiras distintas, os encontros do EDIS têm nos aberto um espaço comum. Nesses momentos, sinto que estamos todos no mesmo barco, aprendendo como se manejam as velas e sentindo para onde os ventos sopram, mas também estamos dando boas risadas, em meio a cuidadosas discussões quanto às possibilidades de direções do leme².

Quando comecei a rabiscar o que iria escrever para vocês, junto com a discussão levantadas pelo livro de Anzaldúa (2021), fui revirar as páginas de: “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade” (hooks, 2013) e “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.” (hooks, 2021). bell hooks é uma referência que circula muito entre nós. Durante o estágio docência em psicologia social 2, lembrei que o semestre em que cursei essa disciplina como aluno, a introdução do livro “Ensinando a transgredir” (2013) foi o texto de abertura. Algumas vezes repeti para mim mesmo: “a sala de aula tem que ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio” (hooks, 2013, p. 16), a realidade me fez constatar o quanto isso é difícil, mas também me presenteou com boas surpresas.

² Vocês sabem que aforismos me empolgam, acho que é porque eles são formados por uma linguagem híbrida que fica entre a literatura e a filosofia. Jaqueline Gomes de Jesus (2014) conceitua aforismo enquanto uma: “definição concisa, próxima do provérbio, que se coloca entre o discurso filosófico e o literário que tem por finalidade apresentar uma determinada percepção” (p.99).

Nos dois livros de bell hooks (2013; 2021), há um diálogo estabelecido com Ron Scapp, descrito por ela como “um filósofo camarada e amigo branco do sexo masculino” (hooks, 2013, p. 175). Esse diálogo começa no capítulo “A construção de uma comunidade pedagógica” do livro *Ensinando a Transgredir* e continua no capítulo “Guardiões da Esperança” do livro *Ensinando Comunidade*. bell hooks (2021) observa que, apesar de colaborar com Ron por quase duas décadas, mantêm diferenças significativas em termos de raça, classe e gênero. Essas diferenças, segundo a autora, oferecem uma oportunidade para transcender barreiras e superar obstáculos que normalmente dificultariam uma conexão intelectual profunda. O diálogo destaca a importância da confiança na formação de uma comunidade educacional e de aprendizado, utilizando como estratégia o compartilhamento de experiências pessoais. Ambos se empenham em realizar autocríticas rigorosas e refletir sobre suas realidades distintas, ao mesmo tempo em que reconhecem e valorizam o que têm em comum, colocando em prática o conceito de “abertura radical” proposto pela autora. Fiquei pensando que nossos encontros têm colocado em prática um tanto desse conceito, sinto que devemos continuar insistindo e ampliando essa prática, fico imaginando como estaremos daqui a alguns anos e como isso continuará a reverberar em nós. Antes de pôr um ponto final nessa carta, preciso dizer que não foi fácil escrevê-la, me revirei inteiro, busquei palavras que pudessem traduzir o que sinto, pesquiso, vivo, leio... às vezes elas insistem em demorar a sair. Por fim, quero dizer que estou alegre em fazer dessa escrita uma forma de celebrar e deixar registrado os nossos encontros.

Abraços
At.te Cauê Assis
Maceió/AL

Novembro de 2024

Palavras Chaves: transfeminismos, cartas, espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. **A Vulva é uma Ferida Aberta** e Outros Ensaios. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

BATTISTELLI, Bruna; OLIVEIRA, Érika. Cartas: um exercício de cumplicidade subversiva para a escrita acadêmica. **Curriculo sem Fronteiras**. v. 2, p. 679-701, 2021. Disponível em <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol21iss2articles/battistelli-oliveira.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2024.

HOOKS, Bell; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança. Tradução de Kenia Cardoso. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Prolegômenos para o futuro pensamento transfeminista. In: MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira; & FUNCK, Susana Bornéo, (Orgs.). **Políticas e fronteiras: desafios feministas**. 2014. p. 97-111

MOURA, Cauê Assis de. **Rascunhos de um corpo trans no (cis)tema acadêmico de pesquisa**. Anais IV DESFAZENDO GÊNERO... Campina Grande: Realize Editora, 2019.

MOURA, Cauê Assis de. **Cartas transfeministas: friccionando fronteiras**. 2025. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Maceió, 2025.

SIMAS, Luiz. Antonio.; RUFINO, Luiz. **Encantamento: Sobre política de vida**. Mórula Editorial. 2020.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Salvador, 2016.